

UMA SINHÁ-MOÇA EM RECIFE: MEMÓRIA DE VIAGEM EM *OITEIRO*, DE MADALENA ANTUNES

**A landowner's daughter in Recife: travel memoir in
Oiteiro, by Madalena Antunes**

Melina Nascimento Gomes

Mestranda em Literatura Comparada na Universidade
Federal do Rio Grande do Norte.
E-mail: melina.gomes.701@ufrn.edu.br
ORCID iD: 0000-0001-5679-6659

Regina Simon da Silva

Doutora em Literaturas Hispânicas pela Universidade
Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada de
Língua e Literaturas Hispânicas da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte.
E-mail: reginasimonsilva@gmail.com
ORCID iD: 0000-0002-0376-5231

RESUMO: *Oiteiro – memórias de uma sinhá-moça*, de 1958, narra a infância e juventude de Madalena Antunes, herdeira da aristocracia açucareira de Ceará-Mirim/RN. Escrito anos depois, já na velhice da autora, o livro rememora seu tempo vivido entre as zonas rural e urbana da cidade; vivência que muda quando a sinhazinha é mandada para o Colégio São José, em Recife, onde ela permanece internada dos onze aos dezesseis anos. Sob a perspectiva de uma narradora idosa, a obra memorialística propicia ao leitor um relato de viagem que é uma verdadeira volta ao passado. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho foi analisar, a partir dos recursos linguísticos e literários empregados no texto, de que maneira a escritora constrói a narrativa de sua viagem tendo a memória como força motriz. Para tanto, a pesquisa, de caráter qualitativo, apoiando-se em uma abordagem interdisciplinar, dialogou em especial com as contribuições valiosas de Junqueira (2011), Cunha (2012), Schemes (2015) e Bosi (1994, 2003). A discussão baseada na leitura crítico-interpretativa de *Oiteiro* evidenciou a memória como principal articulador do relato de Madalena, cuja narrativa, carregada de sensibilidade e nostalgia, apresenta-se como um rico exemplar do gênero relato de viagem, porquanto deixa ver as relações de alteridade construídas por meio da percepção do eu viajante, fazendo refletir sobre o que significava ser uma sinhá-moça no contexto brasileiro do séc. 19.

Palavras-chave: relato de viagem; memória; Oiteiro; Madalena Antunes.

ABSTRACT: *Oiteiro – memórias de uma sinhá-moça*, from 1958, narrates the childhood and youth of Madalena Antunes, heiress of the sugar aristocracy of Ceará-Mirim/RN. Written years later, when the author was already old, the book recalls her time spent between the rural and urban areas of the city; an experience that changes when the landowner's daughter is sent to Colégio São José, in Recife, where she remains interned from the age of eleven to sixteen. From the perspective of an elderly narrator, the memoir provides the reader with a travel account that is a true return to the past. In this sense, the objective of this work is to analyze, based on the linguistic and literary resources used in the text, how the writer constructs the narrative of her trip with memory as the driving force. To this end, the research, of a qualitative nature, based on an interdisciplinary approach, dialogued especially with the valuable contributions of Junqueira (2011), Cunha (2012),

Schemes (2015) and Bosi (1994, 2003). The discussion based on the critical-interpretative reading of *Oiteiro* highlighted memory as the main articulator of Madalena's account, whose narrative, combined with sensitivity and nostalgia, presents itself as a rich example of the travel report genre, as it reveals the relationships of otherness constructed through the perception of the traveling self, reflecting on what it must have been like to be a young lady in the Brazilian context of the 19th century.

Keywords: travelogue; memory; Oiteiro; Madalena Antunes.

1 Literatura e Viagens: Considerações Iniciais

Remontando desde a Antiguidade clássica, as narrativas de viagem possuem uma larga tradição na história da literatura ocidental. Primeiramente atreladas às experiências de conquista ou descobrimento (a exemplo do período das grandes navegações), com a contemporaneidade esses relatos passaram a narrar outros tipos de deslocamentos, possibilitados em especial pela modernização dos meios de locomoção. Nesse viés, mudou-se a concepção sobre a prática de viajar, ao passo que se diversificou também as maneiras de narrar tais viagens.

No Brasil, como aponta Sussekind (1990), os românticos instauraram a tendência de viajar para observar os costumes, em uma busca ávida pela chamada identidade nacional. Daí teria sido inaugurado, segundo a pesquisadora, na literatura brasileira, a figura de um narrador com perfil marcadamente próprio, o que viria a enriquecer a produção dos textos literários sobre viagens tendo em vista o realce sobre o olhar do sujeito viajante.

Pensando nesse enfoque narrativo é que o presente artigo se interessa pela obra *Oiteiro – memórias de uma sinhá-moça*, de Madalena Antunes¹. Publicado em 1958, o livro narra a infância e juventude da autora, herdeira da aristocracia açucareira de Ceará-Mirim, cidade norte-rio-grandense localizada a 33 km da capital Natal. Escrito anos depois, já na velhice de Madalena, o livro rememora sua mocidade vivida entre as zonas rural e urbana da cidade; vivência que só viria a mudar com o envio da sinhazinha para o Colégio São José, em Recife, onde ela permaneceu internada dos onze aos dezesseis anos.

Sob a perspectiva de uma narradora idosa, a obra – considerada a primeira memorialística feminina do Nordeste – propicia ao leitor um relato de viagem que é uma verdadeira volta ao passado, por meio de “passagens tocantes de vivências de um tempo já tão afastado de nós e que só nos é acessível por meio dos registros escritos” (Tavares, 2014, p. 14). Nesse sentido, a narrativa, carregada por um tom nostálgico, traz à tona aspectos sociais, culturais e subjetivos que perpassam o deslocamento da protagonista desde sua saída de Ceará-Mirim para Recife até o seu regresso à cidade dos verdes canaviais.

Dito isso, o objetivo da presente pesquisa é investigar, a partir dos recursos linguísticos e literários empregados no texto, de que maneira a autora constrói a narração de sua viagem tendo a memória como força motriz. Para

tanto, a pesquisa, apoiando-se em uma abordagem interdisciplinar, dialoga fundamentalmente com as contribuições valiosas de Junqueira (2011), Cunha (2012) e Schemes (2015) – quanto às questões referentes à literatura de viagens – e de Bosi (1994, 2003), no que diz respeito ao ato de rememorar, especialmente na velhice.

2 Relato de Viagem e Memória: Apontamentos Teóricos

Conforme argumenta o crítico literário francês Antoine Compagnon (2001), o século XIX representou um momento de ruptura no que diz respeito à noção de literatura, a qual era tradicionalmente pautada na tríade poética de Aristóteles. Nesse sentido, a partir de transformações nas dinâmicas sociais, culturais e políticas da época, o fazer literário passou a abarcar outros gêneros textuais, como os relatos de viagem².

Essa incorporação, contudo, nunca foi consenso geral e segue, até hoje, sendo “um ponto de dificuldade para críticos e teóricos que pretendem defini-la [a narrativa de viagem] em seu aspecto formal e conteudístico e até classificá-la como objeto literário ou objeto não-literário” (Ribeiro, 2017, p. 1). A começar, o próprio conceito de viagem pode se revelar complexo:

¹ Descendente da burguesia rural de Ceará-Mirim/RN, Maria Madalena Antunes Pereira nasceu no dia 25 de maio de 1880, sendo a filha primogênita de Joana Soares de Oliveira e do coronel José Antunes de Oliveira. Iniciou sua trajetória como escritora colaborando com periódicos em sua cidade e em Natal, em alguns casos utilizando os pseudônimos de Corália Floresta e Hortência. Autora de um único livro, faleceu em 11 de junho de 1959.

² Conforme Romano (2013), há referências sobre esse tema desde a Antiguidade, em textos imaginários ou supostamente verossímeis, como a Odisseia, de Homero, ou as Histórias, de Heródoto. Desse período até o início do século XIX, as excursões empreendidas eram motivadas especialmente por fins práticos; em geral, os viajantes cumpriam razões estatais ou religiosas, como Édipo indo a Delfos consultar o oráculo. Além disso, havia também viagens com fins comerciais, registradas, por exemplo, no Livro das Maravilhas, de Marco Polo, considerado um clássico do gênero.

O que não é uma viagem? Por menos que se dê um sentido figurado a esse termo – e jamais pudemos deixar de fazê-lo – a viagem coincide com a vida, nem mais, nem menos: o que é esta, além de uma passagem do nascimento à morte? O deslocamento no espaço é o indício primeiro, o mais óbvio, da mudança; ora, quem diz, diz mudança. O relato também se alimenta da mudança; nesse sentido, viagem e relato aplicam-se mutuamente. A viagem no espaço simboliza a passagem do tempo, o deslocamento físico o faz para a mudança interior; tudo é viagem, mas trata-se de um tudo sem identidade. A viagem transcende todas as categorias, incluindo a da mudança, do mesmo e do outro (Todorov, 2006, p. 231).

Nesse viés, em concordância com o que aponta Cunha (2012, p. 162), “A acepção metafórica ou alegórica de viagem conduz à concepção criadora da linguagem”; podendo-se concluir, portanto, que o próprio ato de escrever seria, também, uma maneira de viajar. Ademais, admitindo que “todo relato pressupõe um leitor” (Junqueira, 2011, p. 48) e que, como defendia Antonio Candido (1992), a escrita envolve uma recriação da realidade, é custoso desconfiar que as narrativas de viagem não impliquem em determinado grau de ficcionalização. Quanto a isso,

É evidente que, em literatura, os textos não são verdadeiros nem falsos, na sua dimensão verbal, na medida em que funcionam dentro de um sistema, o literário, que detém as suas próprias regras, avessas a critérios de verdade ou de falsidade. No entanto, a natureza referencial das narrativas de viagem satura-as de elementos indexicais e deícticos. Só que a viagem presta-se à metaforização; afinal, ela se confunde com a própria vida na sua transitividade (Cunha, 2012, p. 161).

Isso porque, ainda de acordo com Cunha (2012, p. 170), “A natureza permeável e fronteiriça do gênero viático aproxima-o de

uma literatura pessoal, intimista, de natureza essencialmente autobiográfica”. Dessa forma, o caráter subjetivo marcado nos relatos de viagem também faria evocar a própria literariedade do texto:

Associando-se a narrativa de viagem à autobiografia, já que as duas narrativas lidam com o relato de fatos supostamente reais, pode-se chegar ao patamar de que, mesmo tratando de um tema não puramente imaginativo, o escritor tem liberdade para abordá-lo de modo parcial e recriá-lo a sua maneira. Pois, nesses gêneros, o que conta, o que os torna objetos literários, não é apenas o relato da realidade objetiva, mas também a forma como o autor-narrador-personagem se posiciona diante do mundo, diante, no caso específico da narrativa de viagem, do estrangeiro [...] (Ribeiro, 2017, p. 5).

Daí estaria a aproximação dos relatos de viagem com a chamada escrita de si, espécie de arquétipo narrativo “em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como o autor biográfico” (Ragusa; Oliva, 2020, p. 112). Para Cunha (2012), a faceta autobiográfica é justamente um dos traços caracterizadores da literatura de viagens contemporânea, na medida em que o olhar do viajante particulariza o texto narrado.

De fato, “se cada viagem é única, o mesmo se pode dizer dos vários produtos da viagem [...] em particular, do relato da viagem” (Junqueira, 2011, p. 46), o qual pode ser observado, dentre outras possibilidades tendo em vista seu caráter híbrido, em textos memorialísticos, que também se inscrevem como narrativas do eu. Nessa perspectiva, o narrador-viajante utiliza-se da memória para moldar seu discurso, levando em conta os “tempos diferentes que correspondem à dupla experiência da viagem e da escrita” (Cunha, 2012, p. 165).

Seguindo essa linha de raciocínio, a memória atua como organizador da narrativa, uma vez que permite ao viajante ressignificar suas impressões da viagem, bem como a própria forma de narra-las, considerando que “o relato de viagem nem sempre trata daquilo que o viajante viu, na hora em que viu e como as coisas se deram” (Junqueira, 2011, p. 49). Sendo assim, ao rememorar, evidentemente, o autor não traduz os fatos tal qual ocorreram, embora busque apresentar certa verossimilhança no relato, já que, a partir da memória, é posta a “matéria narrativa numa sequência organizada, tendencialmente linear, porquanto segue a cronologia dos acontecimentos” (Cunha, 2012, p. 156).

Nessas condições, como já mencionado, o próprio ato de relatar configura-se como uma viagem, uma vez que o narrador volta ao passado para resgatar suas lembranças. Atentando, pois, às especificidades desse tipo de relato é que teria sido cunhado o conceito de “memória de viagem”, referente ao tipo de relato no qual o viajante “tenha feito uma viagem na sua adolescência e escreva na velhice” (Junqueira, 2011, p. 49).

A partir dessa designação, então, as narrativas viáticas elaboradas por narradores idosos fariam evocar uma memória específica: a de velhos. Ponderando as lacunas naturais no processo de rememoração, eventualmente acentuadas durante o envelhecimento, tal conformação só poderia vir a contribuir para a composição dos relatos de viagem, levando em consideração o potencial panorâmico próprio do narrar de pessoas velhas, conforme advogava a professora e psicóloga Ecléa Bosi:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo

das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (Bosi, 1994, p. 22).

Isso porque, tradicionalmente, “a velhice representa o lugar da memória coletiva, dos valores da ancestralidade, sendo então um dos elementos onde se agencia o registro simbólico” (Birman, 1994, p. 19). Desse modo, sendo a memória de viagem contada por um ancião, o relato torna-se ainda mais rico, especialmente “quando o velho narrador e a criança se encontram” (Bosi, 2003, p. 34), como acontece em *Oiteiro*, de Madalena Antunes. Na obra, a jornada de Ceará-Mirim até Recife realizada pela sinhazinha aos onze anos só é narrada décadas depois, quando a própria personagem – e autora do texto – já estava na terceira idade; sendo o livro publicado quando Madalena contava 78 anos.

Trata-se, então, da recordação da sinhá-moça expressa sob uma dupla perspectiva: de menina e de idosa; em um retrospecto propiciado pela memória enquanto “força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (Bosi, 2003, p. 36). Resgatando suas reminiscências, a autora comprova que lembrar é “mais que um reviver de imagens do passado” (Bosi, 2003, p. 45), pois constrói – conforme será discutido detalhadamente na sequência – um relato de viagem o qual permite ao leitor acompanhá-la durante sua trajetória, compartilhando de suas

percepções e fornecendo uma experiência capaz de transcender os limites espaciais e temporais.

3 Memória de Viagem em *Oiteiro*: Uma Proposta de Leitura

Sob a égide de uma pesquisa qualitativa (Gerhardt; Silveira, 2009), a análise crítico-interpretativa do texto literário aqui proposta se dá concebendo, de antemão, que “para bem compreender o relato de viagem, é recomendável a abordagem interdisciplinar” (Junqueira, 2011, p. 55). Isso porque, conforme já foi citado, esse tipo de narrativa traz à tona mais que o simples olhar do sujeito viajante, lançando luz a questões socioculturais, vide o relato de viagem ser também “fonte de documentação histórica” (Cunha, 2012, p. 163).

Isso posto, o procedimento analítico da memória de viagem em *Oiteiro* se dá a partir de três alicerces, os quais permitem enfatizar as circunstâncias que compõem o relato de Madalena Antunes, visando compreender mais amplamente a narrativa. Assim sendo, metodologicamente, esta investigação destaca 1) a viajante, na medida em que “Devemos nos perguntar quem é o escritor do relato ou quem ‘ele quer ser’” (Junqueira, 2011, p. 45); 2) a viagem, porquanto “é necessário apreender as motivações em jogo na realização [...], qual sua finalidade.” (Schemes, 2015, p. 1); e 3) o olhar da viajante, pois “Não é, com efeito, tanto a paisagem que o narrador-viajante quer dar a ver, antes a sua relação com o espaço e [a] cultura” (Cunha, 2012, p. 155).

3.1 A viajante

Indubitavelmente, o sujeito viajante é um dos pontos cruciais a serem considerados ao se analisar uma memória de viagem. Especialmente porque, em se tratando desse gênero, a figura em questão ganha maior complexidade na sua conformação, já que

Na narrativa de viagem, o escritor-viajante é ao mesmo tempo produtor da narrativa, objeto, por vezes privilegiado, da narrativa, organizador da narrativa e encenador da sua própria personagem. Ele é assim narrador, ator, experimentador e objeto da experiência. Ou ainda, o memorialista dos seus feitos e dos seus gestos, herói da própria história que inventa e que arranja à sua maneira, testemunha privilegiada em relação ao público sedentário (Machado e Pageaux, 1988, p. 34).

Assim ocorre em *Oiteiro*: Madalena, personagem principal, na figura de narradora de suas memórias, é também aquela que viaja, além de ser a escritora da obra. Sendo o relato construído a partir de um hiato temporal, sua memória de viagem é fundamentada no tempo da infância, mas reelaborada no período da velhice, de modo que a viajante em questão seria, ao mesmo tempo, uma menina – viajando aos onze anos de Ceará-Mirim até Recife – e uma idosa – retornando ao passado em busca de suas lembranças juvenis.

Sobre a intenção da memorialista ao narrar sua vivência, diz ela própria: “Quando comecei a escrever minhas memórias, não foi com intenção de publicá-las” (Antunes, 2003, p.13). *Oiteiro*, portanto, teria sido forjado, a princípio, como um desprezioso diário, gênero comumente atrelado às narrativas de viagem, no qual “o viajante registra a sua experiência com o propósito de reter lembranças e recordação para momento posterior da vida” (Junqueira, 2011, p. 48).

Ademais, em se tratando da trajetória de quem viaja, segundo (Schemes, 2015), é preciso refletir sobre quais meios o viajante transita, quais são os seus vínculos e o arcabouço sociocultural relacionado a ele. Nesse sentido, vale ressaltar que Madalena Antunes, enquanto narradora do relato, fala de um lugar privilegiado: filha de um senhor de engenho, sua viagem só foi proporcionada porque a família dispunha de recursos para tal.

A despeito de ser uma oportunidade legada a poucos – inclusive porque, na época, a educação costumeiramente era ofertada apenas aos rapazes –, a sinhazinha viaja a Recife a contragosto, considerando tal como uma condenação: “**Censurada, acerbamente, fui condenada** a entrar para um colégio. **Espavorida** com a ideia, **gritava, intimamente**: - Meu Deus! Que fiz para merecer **tamanho castigo?**” (Antunes, 2003, p. 9, grifo meu). A repulsa, expressa pelas escolhas lexicais da autora, se dava tanto pelo desejo de não se afastar da família, tanto pelo fato de Madalena não se interessar pelos estudos, além de que, sobre a cidade pernambucana, a menina quase nada sabia.

Os privilégios marcados na memória de viagem da sinhazinha são vários, a começar pela própria escolha do internato: “Eu ia para o colégio de São José, em Recife. Estatutos de diversos estabelecimentos de ensino do Rio, Bahia e Recife, **vieram às mãos de meu pai.**” (Antunes, 2003, p. 9, grifo meu). Além de mencionar zonas tradicionalmente conceituadas do país, o uso da voz passiva destacado denota o senhorio do coronel José Antunes por ter à disposição meios de realizar

sua vontade. A questão econômica fica ainda mais evidente na seguinte passagem:

A **liteira** em que íamos balançava com o trote ritmado dos cavalos, um na frente, outro atrás, [...] Dois **meninos montados em cangalhas**, guiavam os **pachorrentos animais** que trotavam cadenciadamente e quando descompassavam, faziam solavancar a liteira. Era quando **meu pai**, ao lado, **montando um belo cavalo de sela, repreendia os condutores** (Antunes, 2003, p. 11, grifo meu).

O transporte citado pela narradora diz respeito a um antigo veículo³ sem rodas que remonta à herança colonial característica do período. O contraste entre os meninos, na posição de servidão, e o pai de Madalena, enquanto senhor de engenho, revela, como em outras passagens da obra, a persistência de traços da escravidão mesmo após o estabelecimento da abolição. Dessa forma, mais que um “mero” registro das lembranças de viagem, o relato da sinhazinha corrobora para a afirmação de que os textos desse gênero possuem “um importante valor documental – historiográfico, etnográfico e antropológico – e imagológico, pois possibilitam não só a apreensão da sensibilidade, do imaginário e da mundividência [...], como também constituem fonte importante de informação histórica.” (Cunha, 2012, p. 169-170). Assim, ao mesmo tempo em que a memorialista conta a sua experiência, o leitor reconstrói a imagem de uma época da qual não viveu, mas sobre a qual tem interesse.

³ A liteira era uma espécie de “cadeirinha portátil e coberta, sustentada por dois varais compridos e conduzida por duas bestas, uma atrás e outra adiante” (Figueiredo, 2010, p. 1188).

3.2 A viagem

É sabido que, ao longo do tempo, viagens foram empreendidas com os mais variados objetivos e em situações diversas. Logo, não seria possível dissociar o relato da viagem em si, sendo, conforme defende Shemes (2015, p. 1), “necessário situar cada viagem [...] em sua relação direta com o contexto histórico em que estão inseridas.” Isso posto, cabe enfatizar que o deslocamento realizado em *Oiteiro* tinha como finalidade propiciar à Madalena a educação que era reservada a uma sinhá-moça no final do século XIX.

Desse modo, a obra, como aponta Tavares (2014, p. 8), “traz à tona um modelo patriarcal de educação”, segundo o qual as meninas da elite, como a sinhazinha, só poderiam ter acesso à instrução por meio de aulas particulares ou em colégios religiosos, ambos com tarefas voltadas ao desenvolvimento das “virtudes femininas”. Quanto a isso vale ressaltar a figura do pai de Madalena, que, indo de encontro às tendências da época, defendia o direito à educação feminina, insistindo em internar a filha e financiando sua viagem.

Quanto ao percurso propriamente dito, ao longo dos capítulos, a escritora vai compondo seu itinerário, permitindo que o leitor a acompanhe durante a trajetória. Afora eventuais dispersões próprias do processo de rememoração – também considerando que a autora faz uso em certa medida da técnica do fluxo de consciência (Carvalho, 2020) –, as informações acerca da rota percorrida por Madalena são dadas com determinada linearidade, embora sem tantas marcações

temporais. Dessa forma, saindo de Ceará-Mirim junto dos pais e de sua irmã caçula, a sinhá-moça chega à capital Natal, mencionando pontos como a Aldeia velha (hoje bairro Igapó) e a Lagoa de Extremoz, cuja magnitude a encanta: “- Meu pai! Isso é a lagoa ou o mar? – perguntei extasiada ante aquela imensidade de água quase parada!... - É sim, minha filha, é a lagoa de Extremoz!” (Antunes, 2003, p. 12).

De bote, a família atravessa o afamado Rio Potengi e se instala no Hotel Viterbino⁴, estabelecimento bem conceituado da região àquele período. Outros pontos característicos da cidade são citados: “A noite passeamos pela **Cidade Alta**, e de manhã corremos as praias – **Areia Preta** e **Morcego**. Meu pai informou: - Passearemos pela **Redinha** e pela **Fortaleza dos Reis Magos**” (Antunes, 2003, p. 17, grifo meu). Em um relato que permite compor um retrato da antiga Natal, a memorialista alude também às embarcações da época, enfatizando com temor o navio o qual a levaria ao internato: “Vi, então, perto de mim, quase beirando o Potengi, inúmeras embarcações e, dentre elas a maior, aquela que me apavorava e que me levaria a Recife – o “Una”” (Antunes, 2003, p. 17).

Transcorridos “dois dias de martírio” (Antunes, 2003, p. 18) a bordo, passando por Cabedelo, município de João Pessoa, finalmente os viajantes chegam ao seu destino. Transportados por um escaler, pequena embarcação geralmente movida a remo, os Antunes se hospedam no Hotel da Europa, localizado no Bairro de Recife, no centro da

⁴ Em estudo feito com base em jornais e outras fontes, Vianna (2016) constatou a existência de muitos hotéis em Natal/RN classificados como de alto nível, dentre eles o Hotel Viterbino, mencionado como o mais antigo do estado em anúncio do Diário do Natal, em 7 de setembro de 1895. A hospedagem era localizada no bairro da Ribeira, cujas ruas representavam o que havia de melhor e mais elegante para a elite potiguar à época.

cidade – atualmente zona que corresponde à parte leste do seu Centro Histórico.

Anuncia, então, a narradora: “Na manhã de 6 de junho de 1891, entrei para o Colégio de São José, na Soledade. A grande e pesada porta do velho educandário fechou-se como a separar-me bruscamente do mundo e de meus pais [...]” (Antunes, 2003, p. 20). Compreensível a insegurança de Madalena, não só por se tratar de uma criança, mas porque, de acordo com Sanches Neto (2005, p. 7) “a mudança de território nos coloca em confronto com uma realidade nova (para nós). Vemos tudo como se fosse a primeira vez”, sendo, por isso, o estranhamento uma sensação frequentemente expressa nas narrativas de viagem.

3.3 O olhar da viajante

A memória de viagem narrada em *Oiteiro* revela que a percepção de Madalena em relação a Recife e ao internato, em linhas gerais, é carregada pela comparação com Ceará-Mirim. Na condição de “estrangeira”, seu relato aponta “mais para o âmbito cultural do próprio viajante do que para o lugar visitado, ainda que [fale] também deste” (Junqueira, 2011, p. 45). Nesse sentido, fica evidente seu sentimento de não pertencimento, bem como o choque cultural em relação ao novo contexto: “**De repente, vi-me só e entre desconhecidos.** Quis gritar, soluçar, mas, tudo me ficou na garganta. **Como nunca vira uma freira,** aquele hábito negro apavorou-me” (Antunes, 2003, p. 20, grifo meu).

Com uma narração marcadamente nostálgica, não só pelas circunstâncias da viagem, mas especialmente pelo teor memorialístico da obra, não são raras as passagens em que a narradora expressa a saudade do lar:

Quase não respirava, **sentia-me num cárcere.** Pela mente angustiada perpassavam os panoramas de **minha saudosa terra.** [...] O meu céu azul, tão distante, tecido de nuvens vaporosas. [...] Mais além, a casinha envidraçada do Oiteiro, o coqueiral, o frondoso oitizeiro, o canavial farfalhante, [...] a faixa branca da bagaceira e os mansos bois, deitados sobre a relva, ruminando indiferentes... (Antunes, 2003, p. 24, grifo meu).

Em um “esforço de encontrar pontos de contato entre duas realidades, num vaivém constante entre cultura de partida e cultura de chegada” (Cunha, 2012, p. 168), a narração produz paralelos que comprovam como “o olhar do viajante está condicionado antes mesmo da viagem: pela sua bagagem cultural, pelo seu quadro de referências, pelas suas leituras, por determinados tópicos que fazem parte da escrita do gênero.” (Cunha, 2012, p. 169). É o caso de quando Madalena conhece uma dama da alta sociedade recifense, com quem seu pai mantinha relações comerciais. Na ocasião, hospedada em uma pousada antes de ser matriculada no colégio, a sinhá-moça narra com deslumbramento a figura da senhora, referenciando elementos de sua cidade natal:

A dama, **elegantíssima,** sentou-se no sofá e eu fiquei **embevecida. Jamais vira uma tão encantadora moça,** assim de luvas e vestido preto, chapéu da mesma cor, com uma pena branca enrolada na copa, a forma de um cone. Um tênue véu cobria-lhe o rosto fino e róseo. Os olhos pareciam duas safiras e o cabelo tinha **o brilho dourado das espigas do milharal das várzeas de minha terra.** Um colar de pérolas pendia-lhe do pescoço de cisne. **Conversava com simplicidade coisas ao alcance de nossa mentalidade** [...] E aquela **maravilhosa visão,** descendo **esbelta e graciosa** as escadas do hotel, tomando lá em baixo **um carro mais bonito do que o landó do Xandu Varela a deslizar pelas ruas de Ceará-Mirim,**

deslumbrando a mim e à Tonha, **empolgaram-me**, de fato” (Antunes, 2003, p. 19, grifo meu).

A descrição elogiosa, refletida principalmente pelos adjetivos empregados, nesse caso em específico, denota um julgamento de superioridade da cultura do outro em relação à sua própria, fazendo evocar o conceito de “mania”, cunhado pelo acadêmico francês Daniel-Henri Pageaux⁵, no que se refere à interação entre civilizações. A dinâmica envolvendo esse ponto de vista do sujeito viajante se dá justamente porque “as viagens e seus relatos são marcados por uma experiência de alteridade, pelo encontro com o ‘outro’, pela construção de um olhar sobre o ‘outro’” (Schemes, 2015, p. 1).

Todavia, em *Oiteiro*, a ótica inversa também é notada na medida em que a autora reflete sobre si própria, seja por meio da visão alheia – como no episódio no qual a menina sofre discriminação por parte das colegas de internato, sendo insultada de “Papa Jerimum” – ou pelas lentes da narradora idosa ao julgar suas experiências passadas: “Pobre de mim! Despedia-me inconsciente da verdadeira felicidade, a existente apenas na simplicidade da infância!” (Antunes, 2003, p. 97). Nesse viés, o relato de Madalena se alinha aos apontamentos de Cunha (2012, p. 164) ao considerar a “prática da viagem [também] enquanto gesto introspectivo e processo de autoconhecimento”, já que, rememorando sua viagem, a narradora volta ao passado, reencontrando o seu eu da infância e refletindo sobre a trajetória de sua vida.

4 SOB O ITINERÁRIO DA MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrendo o curso da vida a partir de suas reminiscências, em *Oiteiro*, Madalena Antunes confirma que a escrita também é uma forma de viagem. Utilizando a memória como principal articulador do seu relato, a memorialista reconstrói uma fotografia do passado e convida o leitor a segui-la por um caminho o qual excede os limites dispostos entre Ceará-Mirim e Recife.

Por meio de uma narradora idosa, a obra fornece um rico exemplar do gênero viático na medida em que suas impressões são atravessadas não apenas pela experiência da pequena viajante, mas também pela percepção dela própria na velhice. Nesse prisma, a narração é engendrada por recursos linguísticos e literários estratégicos que expressam a vivência da sinhá-moça e aproximam o interlocutor de um tempo já transcorrido.

Ademais, a memória de viagem relatada pela cearamirinense torna visíveis as relações de alteridade características desse tipo de narrativa, seja no que concerne à percepção do eu viajante, seja na maneira de conceber a cultura do outro, frequentemente comparando-a a sua. Assim, a obra – composta por outras matérias além desse relato – comprova a relevância de Madalena Antunes enquanto escritora para além das fronteiras do cenário literário regional.

⁵ Pageaux, Daniel-Henri, *La littérature générale et comparée*, Paris, Armand Colin, 2004.

Referências

ANTUNES, Madalena. **Oiteiro**: Memórias de uma sinhá-moça. 2. ed. Natal: A. S. Editores, 2003. (Col. Letras Potiguares).

BIRMAN, Joel. **O futuro de todos nós**: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo da consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha. Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens. **Caracol**, São Paulo, n. 3, p. 152-173, 2012. DOI: 10.11606/issn.2317-9651.v0i3p152-173. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/57686>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Figueiredo, Cândido de. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo**. Portugal: [s.n], 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MACHADO, Álvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988.

RAGUSA, Pedro; OLIVA, Alfredo dos Santos. Subjetividade, Individuação e Escrita de Si: Aproximações teóricas entre Michel Foucault e Carl Gustav Jung. **Revista de Teoria da História**, v. 23, n. 2, p. 112-126, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/rth.v23i2.64279>. Disponível em: Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/64279>. Acesso em: 19 mar. 2025.

RIBEIRO, Marcel Lucio Matias. O gênero narrativa de viagem na literatura ocidental. In: Encontro De Estudos Multidisciplinares de Cultura, 13., 2017, Salvador. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://cult.ufba.br/enecult/programacaoxv/apresentacao-em-grupos-de-trabalho-nos-14-eixos-tematicos/anais/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea. **Estação Literária**, v. 10, n. 2Supl, p. 33-48, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacao-literaria/article/view/25719/18717>. Acesso em: 30 ago. 2024.

SANCHES NETO, Miguel (org.). **Contos para ler em viagem**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2005.

SCHEMES, Elisa Freitas. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: [s.n.], 2017. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2. ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

TAVARES, Liliane Taise. Madalena Antunes: As memórias da educação de uma Sinhá Moça. In:

Encontro nacional de literatura infanto-juvenil e ensino, 5., 2014, Campina Grande. **Anais**. Campina Grande: Editora Realize. 2014. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlije/2014/Modalidade_1datahora_25_05_2014_11_37_43_idinscrito_427_f5d3901e2a80afe7cc1a6adea0f50a2a.pdf. Acesso em: 1 jul. 2024.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. Tradução de Lea Mara Valezi Staut. São Paulo: **Revista de Letras**, v. 46, n. 1, p. 231-244, 2006.

VIANNA, Andrea de Albuquerque. Memórias do turismo em Natal/RN: Descarte, desvalorização, esquecimento. *In*: V Congresso sergipano em história e V Encontro estadual de história da ANPUH/SE, 5., 2016, Aracajú. **Anais eletrônicos**. Aracajú: [s.n.], 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.se.anpuh.org/resources/anais/53/1476497848_ARQUIVO_ANPUH_SE_MemoriasdoturismoemNatal.pdf. Acesso em: 14 mar. 2025.